

Brasil e Cabo Verde: afinidades identitárias

Maria do Carmo Cardoso Mendes
Universidade do Minho

Passa a serenata
Mas no coração dos que temem a luz do dia que vai chegar
Ficam os gemidos do violão e do cavaquinho
Vozes crioulas neste nocturno brasileiro de Cabo Verde.
(Alcântara 1948: 21)

Introdução

A construção da identidade literária cabo-verdiana está intrinsecamente associada ao aparecimento de *Claridade* (1936), uma revista que se constitui como movimento de afirmação da cabo-verdianidade. Neste ensaio, procurarei demonstrar que o influxo da cultura brasileira enforma o ideário de *Claridade*, em particular em dois dos seus mais influentes intelectuais e fundadores – Jorge Barbosa (1902-1971) e Baltasar Lopes da Silva (1907-1989) –, mas também a própria poética dessa revista e ainda a apropriação de Pasárgada, mito criado por Manuel Bandeira.

Procurarei mostrar ainda que a influência do modelo brasileiro não se esgota nos números de *Claridade*; ela prolonga-se em diversos textos de ficção romanesca de escritores *claridosos*, designadamente no romance de Baltasar Lopes da Silva *Chiquinho*, considerado o texto fundador da literatura cabo-verdiana, ou ainda no romance *Os flagelados do vento leste*, de Manuel Lopes (1907-2005). Através da análise das relações intertextuais entre a literatura brasileira e a literatura cabo-verdiana, mostrarei que o Brasil representou no arquipélago uma alternativa ideológica e literária à influência da cultura e da literatura portuguesas. Um estudo comparativo de *Chiquinho* de Baltasar Lopes da Silva e *Vidas secas* de Graciliano Ramos permitirá aprofundar o influxo da literatura brasileira sobre a literatura cabo-verdiana.

O modelo brasileiro: ideologia e poética

No cinquentenário de *Claridade*, Baltasar Lopes da Silva, um dos fundadores da revista, publicou um texto onde recordava as motivações que conduziram um grupo de intelectuais cabo-verdianos ao lançamento dessa publicação: ela aconteceu num contexto de preocupações que

[t]inham a sua fonte principal na situação desastrosa, principalmente no domínio político-económico, em que o nosso arquipélago estagnava nos anos da década de trinta. [...] Estávamos em nítida posição contestatária perante a orientação política que subjazia à administração da, então, colónia de Cabo Verde, com o seu fascismo de importação e imitação e ignorava ou violava os mais elementares princípios que regem a vida do homem e do cidadão e salvaguardam a liberdade individual. Tal situação despertou toda a capacidade de militância, na medida então possível, do nosso pequeno grupo (Silva 1986: XIII).

São também evocados por Baltasar Lopes da Silva o programa e o conteúdo temático da revista:

‘Fincar os pés na terra’, para empregar a expressão então consagrada: um debruçar ansioso e atento sobre os problemas vitais de Cabo Verde e as condições de vida do seu povo. [...] a revista assumiu uma importância e um papel de ordem não apenas literária, mas também política (Silva 1986: XIV).

O influxo brasileiro sobre *Claridade* é claramente reconhecido por Baltasar Lopes da Silva, salientando a conjuntura literário-cultural assinalada “pelo neo-realismo do romance brasileiro do Nordeste e certa poesia, marcada por um grande vigor telúrico, de poetas como Jorge de Lima, Manuel Bandeira e Ascêncio Ferreira” (Silva 1986: xv).¹ A identificação com a literatura brasileira é, portanto, uma aproximação ao movimento regionalista no Brasil, determinante em escritores como Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, entre outros.²

1 O nome correto do poeta brasileiro que integrou o movimento modernista de 1922 é Ascenso Carneiro Gonçalves Ferreira (1895-1965), que se notabilizou por ter escrito uma obra poética de incidência regionalista.

2 O movimento regionalista brasileiro teve como principal impulsionador o escritor, sociólogo, antropólogo e jornalista Gilberto Freyre (1900-1987), e o seu desígnio fundamental foi a criação de um sentido de unidade entre os estados brasileiros do Nordeste. Em 1926, o Manifesto Regionalista do Nordeste – lido no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, celebrado em Recife – revela-se movido pelo propósito de defender os interesses – económicos, sociais e culturais – nordestinos. Freyre observa

O mesmo Baltasar Lopes (citado por Manuel Ferreira) havia já reconhecido, em 1956, o papel decisivo que diversos escritores brasileiros exerceram na literatura cabo-verdiana de *Claridade*:

Há pouco mais de vinte anos, eu e um grupo reduzido de amigos começámos a pensar no nosso problema, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos sobretudo o problema da formação social destas ilhas, o estudo das raízes de Cabo Verde. Precisávamos de certezas sistemáticas que só nos podiam vir, como auxílio metodológico e como investigação, de outras latitudes. Ora acontece que por aquelas alturas nos caíram nas mãos, fraternalmente juntas, em sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais *pro domo nostra*. Na ficção, o José Lins do Rego d’*O menino do engenho*, do Banguê; o Jorge Amado do *Jubiabá* e *Mar morto*; o Amândio Fontes d’*Os corumbas*; o Marques Rebelo d’*O caso da mentira*, que conhecemos por Ribeiro Couto. Em poesia, foi um alumbramento a “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira, que, salvo um ou outro pormenor, eu visualizava com as suas figuras dramáticas, na minha vila da Ribeira Brava (Ferreira 1986a: xxix-xxx).

Esta análise de Baltasar Lopes procura ainda evidenciar, na perspectiva de Manuel Ferreira, a dimensão da transformação radical que a literatura brasileira provocou na literatura cabo-verdiana:

Esta ficção e esta poesia revelavam-nos um ambiente, tipos, estilos, formas de comportamento, defeitos, virtudes, atitudes perante a vida, que se assemelhavam aos destas ilhas, principalmente naquilo que as ilhas têm de mais castiço e de menos contaminado (Ferreira 1987: 85).

Aos escritores brasileiros foram buscar os *claridosos* motivos literários intimamente associados “à terra natal” e “à gente irmã”, ou seja, inquietações

que “Há dois ou três anos que se esboça nesta velha metrópole regional que é o Recife um movimento de reabilitação de valores regionais e tradicionais desta parte do Brasil. [...] Seu fim não é desenvolver a mística de que, no Brasil, só Nordeste tenha valor, só os sequilhos feitos por mãos pernambucanas ou paraibanas de sinhás sejam gostosos, só as redes feitas por cearense ou alagoano tenham preço, só os problemas da região da cana ou da área das secas ou da do algodão apresentem importância” (Freyre 1996: 47-48). O pensador alerta para o erro de se confundir regionalismo com separatismo ou bairrismo, e insiste no princípio de que o que o movimento regionalista procura é “reabilitar valores e tradições do Nordeste”, de “terras em grande parte áridas e heroicamente pobres, devastadas pelo cangaço, pela malária e até pela fome” (Freyre 1996: 48). Este retrato das terras nordestinas revela uma extraordinária coincidência com aquele que escritores cabo-verdianos de *Claridade* fazem do arquipélago. A partir da década de 1930, obras literárias de escritores brasileiros como Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, José Lins do Rego, Rachel de Queirós e Graciliano Ramos corporizam as orientações de um movimento centrado nas idiossincrasias do Nordeste brasileiro.

análogas que o poema de Jorge Barbosa “Você, Brasil”, exemplarmente explana:

Eu gosto de você, Brasil, / Porque você é parecido com a minha terra. / [...] / É o seu povo que se parece com o meu, / É o seu falar português / que se parece com o nosso, / ambos cheios de um sotaque vagoroso, / de sílabas pisadas na ponta da língua. / [...] / É a alma de nossa gente humilde que reflecte / a alma de sua gente simples, / ambas cristãs e supersticiosas. // [...] // Você, Brasil, é parecido com a minha terra, / as secas do Ceará são as nossas estia-gens, / com a mesma intensidade de dramas e renúncias (Barbosa 1956: 60).

Historicamente aproximável a Cabo Verde nas suas adversidades climatéricas, nos efeitos destruidores de longos períodos de secas que aniquilam vidas e sementeiras, e no peso da influência colonial, o nordeste brasileiro ofereceu aos escritores cabo-verdianos um modelo que culturalmente diluía a influência da cultura “oficial” – a do colonizador – e permitia encontrar nexos de uma identidade comum.

Descobertas e colonizadas no século xv por exploradores portugueses, as ilhas do arquipélago de Cabo Verde foram um importante apoio das navegações portuguesas nas Descobertas. Com a abolição da escravatura, no final do século xix, Portugal inicia um progressivo abandono administrativo da colónia. A recessão económica que assolou o arquipélago despoletou vagas maciças de emigração para vários países europeus e para os Estados Unidos da América. Ao longo do século xx, Cabo Verde esforçou-se na implantação de um sentimento nacional refratado na criação de uma literatura própria e na irrupção de movimentos de libertação nacional. A independência do país ocorreria em 5 de julho de 1975. Desde o aparecimento de *Claridade* é evidente na literatura cabo-verdiana a procura de afirmação da identidade nacional. Bastaria pensar que o primeiro número da revista, publicado em março de 1936, tem como subtítulo “Lantuna & dois motivos de finaçom”. Os dois aspetos concorrem para a afirmação de uma identidade cabo-verdiana: no primeiro caso, porque lantuna é uma planta típica do interior da ilha de Santiago, que resiste a ventos e secas – simbolicamente exprimindo a resistência dos cabo-verdianos à influência colonial; no segundo caso, porque “finaçom” é um texto poético da tradição oral em língua crioula. Tanto em textos de pendor ideológico quanto em peças literárias, *Claridade* enuncia os mais inquietantes problemas sofridos então pelo povo cabo-verdiano – seca, fome, insularidade, miscigenação, emigração – e manifesta um ímpeto de renovação literária.

No início do século xx, a população do Nordeste brasileiro era essencialmente composta por trabalhadores rurais. As suas precárias condições de vida eram originadas sobretudo por condições climatéricas adversas e pelo autoritarismo de um grupo reduzido de grandes proprietários rurais. Os romances nordestinos empenhar-se-ão em representar realidades sociais que os escritores cabo-verdianos identificarão como muito próximas das dos seus compatriotas.

A influência ideológica e literária do Brasil sobre Cabo Verde é claramente observável em diversos números de *Claridade*, desde o ano da fundação até ao do seu termo, em 1960. No segundo número da revista, José Osório de Oliveira assume o afastamento do cânone literário do colonizador e a sua substituição pelo modelo brasileiro:

Os caboverdeanos precisavam dum exemplo que a literatura de Portugal não lhes podia dar, mas que o Brasil lhes forneceu. As afinidades existentes entre Cabo Verde e os estados do Nordeste do Brasil predispunham os caboverdeanos para compreender, sentir e amar a nova literatura brasileira. Encontrando exemplos a seguir na poesia e nos romances modernos do Brasil, sentindo-se animados na análise do seu caso pelos novos ensaístas brasileiros, os caboverdeanos descobriram o seu caminho (De Oliveira 1936: 7).

As obras literárias dos *claridosos* representam os motivos mais prementes da realidade económica, social e cultural cabo-verdiana nas décadas de 1930 e 1940: a seca, a fome, a miscigenação, a insularidade e a emigração como única possibilidade de escapar a uma situação de infortúnio.

Idênticas realidades sociais se detetam na literatura brasileira nordestina, assumindo preponderância nos escritores Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos: a seca, a pobreza, as clivagens sociais – impondo um regime de autoritarismo de alguns sobre a maioria –, o desejo de emancipação cerceado pela existência de uma estrutura de trabalhos forçados – os “engenhos” – e a ânsia de renovação literária. O romance *Menino de engenho* (1932), do brasileiro José Lins do Rego (1901-1957), é um bom exemplo de tratamento de todos estes motivos. O percurso do protagonista, da infância até à maioridade, evoca um mundo rural e paradisíaco, que também se encontrará representado no romance *Chiquinho* de Baltasar Lopes da Silva.

As composições poéticas assumem relevo em *Claridade* e também nelas se identifica o intertexto brasileiro, com destaque para Manuel Bandeira (1886-1968). No número 4 de *Claridade* (janeiro de 1947), o poeta Jorge Barbosa, também um dos fundadores da revista, publica uma poesia

lítica de homenagem a Bandeira, identificando nele um “irmão atlântico” (Barbosa 1947: 25). Será, todavia, Baltasar Lopes da Silva, sob o pseudônimo de Osvaldo Alcântara, o poeta *claridoso* que de modo mais consistente revisita a figura e a obra de Manuel Bandeira, assim como o mito por ele criado, Pasárgada.

A cidade da Antiga Pérsia foi convertida por Manuel Bandeira em mito que simboliza a evasão, a procura de uma felicidade perdida e a realização de todos os sonhos. Em 1930, Bandeira inclui na coletânea *Libertinagem* o primeiro de vários textos consagrados a Pasárgada, sugestivamente intitulado “Vou-me embora pra Pasárgada”. O título antecipa cataforicamente o desejo de fuga para um lugar de concretização de todas as ambições, tanto aquelas que se associam à infância, evocada como momento de liberdade e de fascínio pelas histórias de encantar contadas pelos mais velhos –

Andarei de bicicleta / Montarei em burro brabo / Subirei o pau-de-sebo / E quando estiver cansado / Deito na beira do rio / Mando chamar a mãe-d’água / Pra me contar as histórias / Que no tempo de eu menino / Rosa vinha me contar (Bandeira 1983: 80)

– quanto as que representam o desejo adulto de realização emocional e sexual:

Lá tenho a mulher que eu quero / Na cama que escolherei / [...] / Em Pasárgada tem tudo / [...] / Tem prostitutas bonitas / Para a gente namorar / [...] / E quando eu estiver mais triste / Mas triste de não ter jeito / [...] / Terei a mulher que eu quero / Na cama que escolherei (Bandeira 1983: 80).

Pasárgada representa, portanto, o anseio de viver uma existência de “aventura inconsequente”, num lugar excepcional – “Lá sou amigo do rei” – que compense a insatisfação vivida pelo sujeito poético.

Na poesia dos *claridosos*, o mito de Pasárgada representa não apenas a evasão, mas

um desejo manifestado da fuga à degradada situação colonial que encerrava o horizonte à juventude pensante e interrogadora. Era um protesto. Um desdém. Não é de mais dizer: era a fuga à erosão colonial, mas não era voltar as costas à caboverdianidade (Ferreira 1989: 160).

Isto significa que, no contexto militante da revista *Claridade*, o mito de Pasárgada contempla uma vertente de compromisso político e de intervenção social. Baltasar Lopes da Silva recupera a simbologia de Pasárgada como lugar de evasão e de materialização de todas as fantasias. Subor-

dinadas ao título *Itinerário de Pasárgada*, são cinco as composições que ao mito dedica e que publica em 1946, na revista luso-brasileira *Atlântico*. Na composição lírica “Saudade fina de Pasárgada”, a evocação desse mítico lugar é projetada com nostalgia no passado irrecuperável, aquele em que era possível fugir “a bordo de um vapor”. Em “Passaporte para Pasárgada”, o poeta recorre ao tom imperativo – “Quem tem ouvidos e oiça, que vá!” (Alcântara 1991: 115) – para apelar à fuga, recuperando deste modo a simbólica de Pasárgada como um lugar de evasão, mas também o desejo emancipatório que subjaz ao ideário de *Claridade*.

O intertexto bandeiriano e a homenagem ao poeta brasileiro são explícitos na poesia de Osvaldo Alcântara “Evangelho segundo o Rei de Pasárgada” – através da citação de dois versos: “Em Pasárgada tem tudo, / Lá é outra civilização” (Alcântara 1991: 116) e na composição “Balada dos companheiros para Pasárgada”, na qual o escritor cabo-verdiano recupera a imagem, construída por Manuel Bandeira, desse lugar de concretização de todos os desejos: “Além é o horizonte... / E está nos teus passos ir até lá ver a Ilha Prometida” (Alcântara 1991: 119).

O modelo brasileiro: ficção romanesca

A dois fundadores de *Claridade* se devem romances cruciais na literatura cabo-verdiana: *Chiquinho* (1947) de Baltasar Lopes da Silva e *Os flagelados do vento leste* (1960) de Manuel Lopes. Em ambos, o intertexto brasileiro está presente no que respeita ao tratamento de diversos motivos. Importa começar por justificar o valor dos romances *Chiquinho* e *Os flagelados do vento leste* no contexto histórico-social em que foram produzidos. De seguida, proceder-se-á a uma análise comparativa entre o romance de Baltasar Lopes e o texto de Graciliano Ramos *Vidas secas* (1938).

Chiquinho pode ser considerado como o romance que mais fielmente espelha os ideais de *Claridade*. Na perspetiva de David Brookshaw, o romance é “representativo das prioridades de um grupo de intelectuais que surgiram nos anos 30, interessados em explorar a cultura regional de Cabo Verde, e cujo porta-voz era a revista *Claridade*” (Brookshaw 1985: 185-186). *Chiquinho* é um romance de aprendizagem, que narra em analepse a infância, a adolescência e a idade adulta de um cabo-verdiano. As grandes inquietações que dominam a literatura dos *claridosos* estão presentes no romance: aí vemos representada a angústia da população do arquipélago.

go diante de períodos muito prolongados sem chuva, a pobreza social e a emigração como única oportunidade de sobrevivência. As dificuldades socioeconómicas apresentadas no romance de Baltasar Lopes da Silva devem-se em primeiro lugar a condições climáticas muito adversas³ e, em segundo, à ineficácia da administração colonial. Curiosamente, o romance concede uma atenção muito escassa à influência da “metrópole” sobre a então colónia de Cabo Verde, designadamente em termos culturais e literários, optando por registar as fragilidades da administração política: a gestão portuguesa é apontada como diretamente responsável pela perda de influência do porto de S. Vicente, centro económico e cultural vital, que a administração colonial votou ao abandono.⁴ A consciência de que a administração colonial deveria ser alertada para a importância estratégica do porto é revelada nas seguintes considerações: “S. Vicente tinha de fazer ao governador uma recepção que o impressionasse bem e lhe fizesse ver a importância capital do Porto Grande na vida económica e financeira do arquipélago” (Silva 2006: 122). Todavia, a permanência da situação de progressivo abandono, após a partida do governador, demonstra a convicção dos habitantes de que tal visita foi improdutiva.

Sair do arquipélago é o destino reservado aos homens. Os Estados Unidos simbolizam a terra prometida, o lugar onde todos os desejos serão cumpridos. Constituem, desde os primeiros anos de vida do protagonista, um universo mítico, aquele para onde o pai emigrara, permitindo assim a sobrevivência dos familiares que permaneceram no arquipélago:

3 Importa sublinhar que o arquipélago cabo-verdiano é constituído por dez ilhas vulcânicas de clima árido. A época das chuvas, que se prolonga de agosto a outubro, manifesta-se de forma irregular, de tal modo que podem decorrer vários anos sem pluviosidade. De dezembro a julho, o período mais seco, os ventos são permanentes. Trata-se, portanto, de um arquipélago com condições climáticas adversas, aspeto de que a literatura cabo-verdiana, desde *Claridade*, não é alheia, tratando-o exaustivamente na poesia lírica e no romance.

4 Descoberta em 22 de janeiro de 1462 pelo navegador português Diogo Gomes, a ilha de S. Vicente tornou-se, a partir de 1838, uma escala obrigatória de navios de todo o mundo. No seu porto, eram abastecidos de carvão os navios que faziam a rota do oceano Atlântico. Os vapores ingleses que navegavam para o Brasil faziam escala no porto da ilha de S. Vicente. Esta mais-valia trazida pela movimentação marítima teve repercussões em vários domínios: permitiu a fixação de muitos habitantes, e desencadeou o desenvolvimento escolar e cultural da ilha. A situação viria, todavia, a alterar-se: a substituição do carvão pelo óleo daria início ao declínio da importância do porto de S. Vicente, substituído pelas Canárias e por Dakar.

A América ficava bem perto de mim. Meu coração de menino não a colocava mais longe do meu círculo de afeições do que a Água-do-Canal ou o António Gegê, onde eu ia brincar com a meninência e correr navios de purgueira ou de cana de milho (Silva 2006: 38).

Apenas a emigração para os Estados Unidos abre a esperança a condições de vida inacessíveis em Cabo Verde: “A enxada não dava para mais. Só a América permitia parir em casas caiadas e telhadas, com mobília estrangeira e quadros com oleogravuras na parede” (Silva 2006: 52). Em síntese, os Estados Unidos constituem uma recriação do bíblico lugar de felicidade prometido ao povo judeu: “A América foi ficando para mim uma Terra da Promissão em que eu poderia realizar todas as minhas virtualidades. E uma grande esperança me invadiu” (Silva 2006: 204).

Chiquinho tem consciência de que nem sequer a oportunidade que lhe foi concedida de se instruir numa ilha então mais desenvolvida – S. Vicente – lhe permitirá vencer o estado de pobreza que atinge todos os habitantes da sua ilha. Por isso, termina cumprindo o maior sonho que alimentara ao longo da narrativa: a emigração para a América (termo que encerra o romance):

Camas de *spring*, gramofone, pianola, cómodas, louça fina, um ror de coisas. Nada disso as ilhas davam à sua escravatura. Escravo não merece mais do que a cama de cancará, uma caixa de goiabeira, louça da Boa Vista e um pote ao canto da casa. Eu não concebia Nuninha morando assim [...]. No dia seguinte, não havendo calma no Tarrafal, montáramos o Ilhéu do Boi. Depois abria-se o mar largo. Com rumo de nor-noroeste, a proa era a América” (Silva 2006: 207 e 209).

Manuel Lopes, um dos intelectuais que integrou o movimento de *Claridade* desde a sua fundação, foi um profundo conhecedor da realidade cabo-verdiana e de alguns dos seus mais relevantes problemas no início do século xx: as adversidades meteorológicas, a fome, a miséria e a emigração. O seu romance *Os flagelados do vento leste* revela uma aproximação ao romance nordestino enquanto procura de um modelo alternativo à influência da literatura colonial.⁵

⁵ Sublinha Maria Luísa Baptista (1993: 16) que embora não recuse o rótulo de escritor neo-realista, Manuel Lopes “afasta implicações políticas que ele possa conter” e “confessa-se mais devedor à influência formal da ‘Presença’, ao romance nordestino de Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e à literatura americana de Caldwell, Steinbeck, Huxley”.

O título desta obra projeta cataforicamente o destino coletivo de um povo vitimado por uma calamidade climatérica e pelas suas consequências devastadoras.⁶ Nele se representam a resistência e a esperança como contrapontos do imobilismo e da desistência: a descrição dos estados emocionais do protagonista é uma sinédoque dos sentimentos do povo cabo-verdiano. José da Cruz, um agricultor da ilha de Santo Antão, espera ansiosamente a chegada da chuva, crucial para as sementeiras:

Havia ansiedade nos seus olhos, mas também dureza e persistência. E havia esperança e coragem e medo. A esperança nas águas e o temor da estiagem faziam parte de um hábito secular transmitido de geração em geração. Todos os anos era assim: a esperança descia em socorro daqueles que tinham o medo na alma. Por isso, ela era a última luz a consumir-se (Lopes 2001: 7).

A capacidade de resistir tenazmente às adversidades é um motivo recorrente no romance. Em última instância, as adversidades climatéricas são entendidas como um desígnio divino a que resiste o imperativo humano:

Sim, a chuva chegaria um dia. Esperavam por ela como quem espera pela sorte, pelo jogo. Se não viesse, a alternativa seria apertar o cinto, meter a coração no coração para a luta, como qualquer homem pode fazer quando cai no meio da borrasca. Já estavam habituados. Vinha de trás, de longe, esta luta. Esperavam sempre até ao último momento. Mesmo aqueles que não sabiam esperar, e não acreditavam nas previsões dos homens, mesmo esses, não se atreviam a apagar depressa aquela luzinha; só no último momento desesperavam, porque alguma coisa pode acontecer quando já ninguém pensa nela [...]. Era a luta. A luta braba que começava. Contra os elementos negativos. Contra os inimigos do homem. A luta silenciosa, de vida ou de morte. Introduzia-se primeiro no entendimento. Depois, entrava no sangue e no peito. O homem tornava-se a força contrária às forças da Natureza. Por um mandato de Deus, o homem lutava contra os próprios desígnios de Deus. Dava toda a vontade e a sua força. Não podia fazer mais nada. O que está acima da força do homem não pertence aos seus domínios. O homem tinha uma medida. Chuva, vento e sol estavam fora dessa medida, e o homem não se podia incriminar pelo que sucedia fora da sua medida. Os desígnios de Deus eram superiores à vontade

⁶ Importa apontar algumas características climáticas do Nordeste brasileiro: “as extremas flutuações climáticas, evidenciadas pelas recorrentes irregularidades das chuvas com períodos de estiagem que podem perdurar até três anos, quando os sistemas atmosféricos geradores das chuvas regionais não alcançam o interior, constituem-se no fator principal que dificulta uma atividade agropecuária estável no semi-árido nordestino. [...] há regiões que podem passar de seis a nove meses sem chuvas, e quando do retorno das precipitações, estas são insuficientes para as demandas socioeconómicas” (Girão 2012: 36). Trata-se portanto de uma região do Brasil com afinidades climatéricas muito fortes com o arquipélago do Cabo Verde.

dos homens, mas o dever do homem era lutar mesmo contra esses desígnios (Lopes 2001: 15-16 e 96).

O desânimo apenas se impõe quando se toma consciência de que a chuva não cairá e de que, por consequência, a fome e a miséria se instalarão. Tal como se lê no final de *Chiquinho*, a espera acontece até ao último momento. A tragédia final de José da Cruz é representada numa extensa passagem do romance em que é descrita a ação destruidora do vento, num cenário dantesco de aniquilamento das plantas:

O vento ardente descia das montanhas, como se as portas do inferno ficassem para esses lados. Varria a superfície dos campos cobertos de verde viçoso. Por onde passava deixava manchas de amarelo-torrado, folhas doiradas dançando nos ares e um cheiro irrespirável a pimenta em pó. Os milharais agitavam-se aflitivamente, como pedindo socorro aos homens. Os feijoeiros e as aboboreiras, desamparados, acenavam os compridos caules quase despidos de folhas [...].

Eram as plantas despedaçadas que, antes de partirem, levadas pelo vento, deixavam um último sinal. Todo o madeirame crepitava como se um incêndio envolvesse a casa. O Inferno abria as suas portas e os anjos maus desciam para os campos, semeando labaredas com o seu hálito de fogo. [...] O ar era mais irrespirável do que nunca, José da Cruz entrou no funco, esgaratou na cinza e trouxe uma brasa. Depois de acender o canhoto, voltou para o terreiro. Sentou-se na paredinha de pedra solta e deixou-se estar contemplando o espectáculo da destruição” (Lopes 2001: 93-94 e 107-108).

A decisão de emigrar tomada pelo protagonista do romance de Baltasar Lopes da Silva revela uma consciência de uma espécie de fatalismo inelutável – também presente no texto de Manuel Lopes – que atinge os habitantes do seu país: o lugar onde se vive, fustigado pela seca e pela pobreza, condiciona de modo determinista a existência e até mesmo a personalidade, que, como a geografia do território, tende a tornar-se agreste.

A mesma consciência é representada no romance de Graciliano Ramos (1892-1953), *Vidas secas*. O texto retrata as constantes deslocções de uma família do sertão (localizado no interior do Nordeste brasileiro) em busca de lugares menos torturados pela seca. O seu protagonista, Fabiano, é um vaqueiro sertanejo, rude (em grande medida, incorporando a natureza selvagem do ambiente em que vive) e sem qualquer instrução formal.

A caracterização dos protagonistas de *Chiquinho* e *Vidas secas* possibilita também a intertextualidade entre os dois textos: se Chiquinho sente, até abandonar a sua ilha, uma limitação dos seus horizontes humanos e intelectuais, de tal modo que só quando vai estudar para S. Vicente compreende que existe um outro mundo, muito mais estimulante do que

aquele que conhecera na infância, Fabiano tem também consciência que o facto de não conhecer senão duas realidades – o sertão nordestino e a seca – contribui decisivamente para abalar a sua autoestima, sentindo-se inferior e ridicularizado pelos que o rodeiam. Os percursos das duas personagens mostram, no entanto, um significativo distanciamento: Fabiano não ultrapassa os limites da sua condição, ao passo que Chiquinho tem oportunidade, durante os estudos secundários em S. Vicente, de alterar o rumo da sua vida e, embora não o faça quando regressa à ilha de S. Nicolau e tenta ser professor primário, alimenta a expectativa de o realizar com a partida para os Estados Unidos.

A seca constitui o motivo mais significativo dos dois textos: ela representa uma calamidade permanente diante da qual as atitudes de Chiquinho e de Fabiano denunciam diversas afinidades: oscilam entre o desânimo, a esperança e uma extraordinária resistência. No romance de Graciliano Ramos, lê-se a este propósito: “a família morrendo de fome, comendo raízes. [...] Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos – e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera” (Ramos 1986: 17-18).

Fabiano e Chiquinho habitam lugares onde a natureza apresenta ao ser humano constantes obstáculos: a pobreza dos solos, como consequência de longos períodos sem chuva, reduz os habitantes a uma condição de permanente sofrimento. É Fabiano quem traduz esta angústia numa afirmação lapidar: “Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!” (Ramos 1986: 20). No romance de Baltasar Lopes da Silva, o protagonista medita, em termos muito idênticos, sobre esta condição miserável dos habitantes da sua ilha natal: “Era seca, nua, devastadora como nas crises mais terríveis de que rezava a crónica da minha ilha” (Silva 2006: 188).

Nos dois romances, assiste-se a uma dependência absoluta da chuva: em *Vidas secas*, ela simboliza alimento e a possibilidade de aliviar o constante temor provocado pelas consequências da seca. Todavia, esta expectativa é a todo o momento toldada pela consciência de uma espécie de inelutabilidade associada à seca:

Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. [...]

Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia (Ramos 1986: 23 e 24).

Fabiano não pensava no futuro. Por enquanto a inundação crescia, matava bichos, ocupava grotas e águas. Tudo muito bem. E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da seca imediata, que aterrorizara a família durante meses. A catinga amarelecera, avermelhara-se, o gado principiara a emagrecer e horripéis visões de pesadelo tinham agitado o sono das pessoas (Ramos 1986: 65).

O motivo da esperança assume um lugar muito significativo em *Chiquinho*: “De pais a filhos ia-se transmitindo aquela esperança sempre renascente no ano agrícola. [...] assim que caíam as chuvas não ficava um palmo de terra por semear” (Silva 2006: 86). Mas a seca persistente motiva uma meditação desalentada do protagonista, muito próxima daquelas que se encontram no romance brasileiro: “Desaparecidas todas as esperanças, enganadas as promessas de chuva. [...] Não se colheria um grão de milho, e dos feijoeiros nem falar, que a lestada de Novembro crestara tudo” (Silva 2006: 188-189).

Este acaba por tornar-se um dos mais relevantes pontos de distanciamento entre os dois protagonistas. Fabiano parece ter perdido há muito a esperança de alterar a sua existência miserável: “A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca” (Ramos 1986: 19). E tal como Chiquinho projeta na partida para os Estados Unidos a concretização de uma existência mais tranquila, também Fabiano e a família realizam a “Fuga” – título do último capítulo do romance brasileiro – como meio de escaparem a uma condição de miséria, simbolicamente expressa na metáfora do cenário fúnebre:

Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se. [...] Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. [...] Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada” (Ramos 1986: 117).

Ao contrário, Chiquinho alimenta até ao desfecho da narrativa uma inabalável confiança no futuro: sabe que pertence a um povo de extraordinária resiliência e que, ainda que apenas pela evasão onírica, os sonhos podem cumprir-se:

Gente que não cede ao desânimo, desejo imperioso de defesa, quaisquer que sejam os resultados do esforço. Sobre tudo isto, permanentes evasões para o sonho, para a distância, para destinos desconhecidos, que o mar oferece sempre na curva azul e inconstante das suas águas. Resistência moral (Silva 2006: 103).

Observações finais

A reflexão sobre o influxo do modelo brasileiro em *Claridade* é determinante para o entendimento da formação da identidade literária cabo-verdiana. Na verdade, *Claridade* constituiu “o maior acontecimento de todos os tempos na vida literária e cultural de Cabo Verde. [...] Ninguém contesta que anteriormente à *Claridade* o discurso literário cabo-verdiano era quase exclusivamente subsidiário do discurso literário português” (Ferreira 1987: 81).

Subjugados a um regime não só do “colonialismo”, mas também do “colonial-fascismo” (Ferreira 1987: 84), jovens intelectuais do arquipélago procuram uma força catalisadora que chegou do Brasil. Quer em termos ideológicos, quer na práxis literária, o modelo brasileiro – representado na literatura nordestina – foi uma verdadeira substituição do modelo colonial. O estudo comparativo entre *Chiquinho* e *Vidas secas* não teve como pretensão provar que o romance cabo-verdiano decalca problemáticas que, no mesmo contexto epocal, inquietavam escritores brasileiros.⁷

Foi meu propósito ainda mostrar que o modelo cultural e literário do Brasil representou uma alternativa a uma influência – a colonizadora – na qual os escritores que construíram os alicerces da literatura cabo-verdiana não se viram projetados. Procurei ainda sublinhar que, marcando *Claridade* um antes e um depois na evolução literária de Cabo Verde, a influência brasileira é inseparável da formação e consolidação desta literatura africana de expressão portuguesa.

⁷ De resto, outros textos brasileiros (p. ex. *Mar morto*, 1938, de Jorge Amado; *Menino do engenho* de José Lins do Rego) suscitarão uma aproximação ao romance de Baltasar Lopes. No primeiro caso, pela representação eufórica associada ao mar enquanto possibilidade de superação de carências e sofrimentos; no segundo, por análoga representação de percursos de personagens, desde a infância (simbolicamente um tempo paradisíaco) até à idade adulta.

Referências bibliográficas

- ALCÂNTARA, Osvaldo (1948): "A Serenata". Em: *Claridade*, 6, p. 21.
- ALCÂNTARA, Osvaldo (1991): *Cântico da manhã futura*. Lisboa: Edições ALAC (África, Literatura, Arte e Cultura).
- BANDEIRA, Manuel (1983): *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- BAPTISTA, Maria Luísa (1993): *Vertentes da insularidade na novelística de Manuel Lopes*. Porto: Edições Afrontamento.
- BARBOSA, Jorge (1947): "Carta para Manuel Bandeira". Em: *Claridade*, 4, p. 25.
- BARBOSA, Jorge (1956): *Caderno de um ilhéu*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- BROOKSHAW, David (1985): "A busca da identidade regional e individual em *Chiquinho* e o movimento da *Claridade*". Em: AA.VV.: *Les littératures africaines de langue portugaise. À la recherche de l'identité individuelle et nationale*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, pp. 185-191.
- FERREIRA, Manuel (org.) (1986): *Claridade. Revista de arte e cultura*. Lisboa: Edições ALAC (África, Literatura, Arte e Cultura).
- FERREIRA, Manuel (1986a): "O fulgor e a esperança de uma nova idade". Em: FERREIRA, Manuel (org.) (1986): *Claridade. Revista de arte e cultura*. Lisboa: Edições ALAC (África, Literatura, Arte e Cultura), pp. XIX-XXIX.
- FERREIRA, Manuel (1987): "O texto brasileiro na literatura caboverdiana". Em: AA.VV.: *Literaturas africanas de língua portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 81-105.
- FERREIRA, Manuel (1989): *O discurso no percurso africano*. Lisboa, Plátano Editora.
- FREYRE, Gilberto (1996): "Manifesto regionalista". Em: QUINTAS, Fátima (org.): *Manifesto regionalista*. 7ª ed.. Recife: Ed. Massangana, pp. 47-75.
- GIRÃO, Osvaldo (2012): "Reconstrução do clima do Nordeste brasileiro. Secas e enchentes do século XIX". Em: *Finisterra*, XLVII, 93, pp. 29-47.
- LOPES, Manuel (2001): *Os flagelados do vento leste*. 2ª ed. Lisboa: Vega.
- OLIVEIRA, Osório de (1936): "Palavras sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil". Em: *Claridade*, 2, p. 4.
- RAMOS, Graciliano (1986): *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record.
- REGO, José Lins do (1987): *Ficção completa*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.
- SILVA, Baltasar Lopes da (1986): "Depoimentos de Baltasar Lopes e Manuel Lopes". Em: FERREIRA, Manuel (org.) (1986): *Claridade. Revista de arte e cultura*. Lisboa: Edições ALAC (África, Literatura, Arte e Cultura), pp. XII-XV.
- SILVA, Baltasar Lopes da (2006): *Chiquinho*. Lisboa: Vega.